

Resumo 22 — Filosofia da Religião: razão, fé e o problema de Deus

11.º Ano

Filosofia

2 páginas

Teoria

Objetivo: Sintetizar as questões centrais da Filosofia da Religião — a relação entre razão e fé, o problema da existência de Deus, os argumentos clássicos e contemporâneos, o fideísmo de Pascal e o argumento do mal.

1. O problema e as atitudes fundamentais

A Filosofia da Religião pergunta se há *razões* para crer — não substitui a fé, examina-a. Perante a existência de Deus há três atitudes: o **teísmo** (Deus existe e tem os atributos do conceito teísta), o **ateísmo** (nega a existência de Deus) e o **agnosticismo** (suspende o juízo: a questão é indecível). Convém não confundir *não acreditar em Deus* (ausência de crença) com *acreditar que Deus não existe* (negação ativa, com razões) — só a segunda é ateísmo; e o agnosticismo não é indecisão por descuido, mas uma tese sobre os limites do conhecimento.

2. O conceito teísta de Deus

O Deus do teísmo é **omnipotente** (todo-poderoso), **omnisciente** (sabe tudo), **sumamente bom**, **criador** e **pessoal** — e, em regra, eterno e perfeito. Distingue-se do *deísmo* (Deus criador, mas que não intervém no mundo) e do *panteísmo* (Deus identificado com o todo, não um ser distinto). É **contra este conceito** que se formulam os argumentos — e é a união de onipotência com suma bondade que torna o problema do mal premente.

3. Os argumentos clássicos

Cosmológico (Tomás de Aquino): tudo o que é causado tem causa e não há série infinita de causas em ato; logo, existe uma causa incausada (primeiro motor). É *a posteriori* — parte da observação do mundo.

Teleológico (Tomás de Aquino): os seres naturais agem em vista de um fim, com ordem regular (a semente tende a dar árvore; o olho para ver); a ordem finalista exige uma inteligência ordenadora. Também *a posteriori* (a analogia é a flecha e o arqueiro).

Ontológico (Anselmo): Deus é «aquilo de que nada maior se pode pensar»; se existisse apenas no entendimento, algo maior seria pensável (o mesmo existindo também na realidade); logo, Deus existe. É *a priori* — parte apenas do conceito, sem recorrer à experiência.

Objeções: ao cosmológico, que a série possa ser infinita e que o «primeiro» não tenha de ser o Deus teísta; ao teleológico, que a ordem aparente se explique por seleção natural, sem projetista; ao ontológico, a objeção de *Gaunilo* — pelo mesmo raciocínio uma «ilha perfeita» teria de existir, o que mostra que o salto do conceito à existência é ilegítimo.

4. Pascal: o fideísmo e a apostar

Pascal recusa que a fé se funde em demonstrações: o «Deus de Abraão, Isaac e Jacob» não é o «Deus dos filósofos». A razão é limitada perante o infinito. Não podendo demonstrar, resta *avaliar o risco* — a **apostar**: crer custa uma vida finita de renúncias e pode render um bem infinito; não crer ganha o finito e arrisca a perda infinita. É um argumento *prudencial*, não uma prova: se a questão é indecível pela razão, apostar na fé é razoável.

5. O argumento do mal e a resposta de Leibniz

O **argumento do mal** é o mais forte contra o conceito teísta: se Deus é onipotente e sumamente bom, poderia e queteria eliminar o mal; mas existe mal; logo, ou Deus não tem ambos os atributos como o conceito os define, ou não existe. Distinguem-se três formas: *mal moral* (causado por escolhas livres), *mal físico* (sofrimento, catástrofes) e *mal metafísico* (limitação própria dos seres finitos).

Leibniz responde com a *teodiceia*: de todos os mundos possíveis, Deus escolheu criar o melhor, e nesse mundo o mal é *permitido* — porque torna possíveis bens maiores: o livre-arbítrio (para escolhas boas, tem de ser possível escolher mal), a ordem natural e a superação. **Objeções:** a tese é indemonstrável (basta imaginar um mundo com um sofrimento a menos); e é eticamente contestável, pois justificar o sofrimento concreto por um «bem maior» do conjunto trata as vítimas como meios.

6. Críticas cruzadas

Ao teísmo: os argumentos clássicos têm premissas contestáveis (o salto da ordem ao projetista; do conceito à existência) e o problema do mal atinge a coerência do conceito.

Ao ateísmo: negar exige razões tão fortes quanto afirmar — e «tudo tem explicação natural» é, ela própria, uma tese metafísica não verificável.

Síntese possível: a questão não se resolve por provas empíricas — é filosófica; o mais defensável é admitir que os argumentos deixam a questão aberta.

7. Razão e fé: três modelos

Modelo	Tese	Quem o representa
Conflito	A razão e a fé disputam o mesmo terreno — só uma pode vencer	Ateísmo militante; fideísmo radical
Independência	São domínios separados: a ciência descreve o «como», a religião responde ao «porquê»	Posição comum no debate público
Integração	A razão serve a fé (teologia natural) e a fé ilumina a razão	Tomás de Aquino; Leibniz

8. Argumentos contemporâneos

Ateísmo contemporâneo: o mal e o sofrimento; a suficiência das explicações naturais (evolução, cosmologia, neurociência); a denúncia do *Deus das lacunas* — usar Deus para preencher o que a ciência ainda não explica, o que faz da crença uma hipótese provisória.

Ajuste fino: as constantes físicas parecem calibradas com precisão para permitir a vida; se variassem minimamente, a vida seria impossível — a improbabilidade sugere um «ajustador». Reformulação moderna do argumento teleológico. **Objeção:** a hipótese do multiverso torna a nossa «calibração» trivial.

Agnosticismo: sustenta que a questão excede a capacidade humana de decisão racional. **Objeção:** quem formula a questão decide já implicitamente o que conta como prova — e viver exige agir; como nota Pascal, é preciso escolher.

9. Modelo de resposta — questão de exame

Enunciado tipo: «Será o mal um argumento decisivo contra a existência de Deus? Analise criticamente a resposta de Leibniz.»

Modelo: (1) *Formulação do problema* — é o mal compatível com um Deus onipotente e sumamente bom? (2) *Formulação do argumento* — reconstruí-lo em premissas e conclusão (dilema: ou não pode, ou não quer). (3) *A resposta de Leibniz* — o melhor dos mundos possíveis: o mal é permitido porque torna possíveis bens maiores, não é querido. (4) *Avaliação crítica* — a resposta é coerente mas indemonstrável e eticamente contestável (trata o indivíduo como meio). (5) *Conclusão* — o argumento do mal abala o conceito teísta clássico, mas não o refuta conclusivamente.

Regra de ouro: reconstruir sempre o argumento em *premissas e conclusão* antes de o avaliar, distinguir *validade* de *solidez* e apresentar a objeção mais forte à posição que se defende.

10. Verificação rápida

- Qual é a diferença entre ateísmo e agnosticismo?
- Que atributos constituem o conceito teísta de Deus?
- Porque razão o argumento ontológico é *a priori* e os outros dois *a posteriori*? E porque não é apostar uma prova?
- Qual é a diferença entre «Deus permite o mal» e «Deus quer o mal»?